

CONTO

Coité: o vendedor de trecos

Clara Rohem

“A saudade não sabe o segredo das cores” Ana Clara Prado, 3 anos.

*Para Ana Luisa, minha saudade favorita;
Para Tauã, o menino mais saudoso de todos.*

Chamavam o menino de Coité. Quem lhe apelidou assim foi Dona Nica, a vovó mais velha da rua. Coité lhe apareceu numa noite bonita, clara, de milhares de pontinhos luminosos no Céu. Trazia consigo um arco sonoro muito colorido e um bornalzinho velho, pendurado pelo ombro pequeno. Vinha subindo a ladeira descalço, pulando entre uma poça e outra, equilibrando-se ora num calcanhar, ora na ponta de um dos pés, ora botando uma estrela na ponta do nariz e sorrindo para a Lua...

Dona Nica achou graça do gingado do menino:

- Ei! Menino bailarino! Que dança é essa?

Ele girou mais uma vez e respondeu:

- Não sei!

Dona Nica levantou da cadeira, girou sua grande saia rodada e perguntou:

- De onde você vem?

Ele abriu os braços, olhou pra trás e disse:

- Do mesmo lugar de ontem!
- E onde fica esse lugar, menino?
- Nas vendas da rua de baixo!

Dona Nica então se espantou:

- Então você é um vendedor, menino? Mas não vejo nada contigo que se possa vender!

O que você vende?

O menino riu:

- Vendo coisas preciosas, que fui ganhando das pessoas que conheci e das ladeiras que andei.

Dona Nica ficou curiosa: por mais que olhasse, não via o menino carregar nadinha que se pudesse vender. O jeito foi perguntar de novo:

- E onde estão essas coisas, menino? Quem sabe não lhe compro umas!

O menino colocou as mãos na cintura, sorriu e lhe disse:

- Duvido que me compre! Só hoje me riram umas 15 pessoas. Todas adultas! Fico numa situação muito difícil Dona... Dona.... Dona quem, mesmo?
- Sou Nica. Mais conhecida como Velha Nica. Prazer, menino... menino quem? – Dona Nica devolveu a pergunta.

- Não sei. Sou muito conhecido como Moleque. Muito prazer. Mas como ia lhe dizendo, os adultos riem de minhas preciosidades. As crianças não riem, mas nunca compram: Geralmente me dão mais coisas para vender. O máximo que fazemos é trocar preciosidades, mas daí que meu bernal vive sempre cheio e cada vez vai enchendo mais.

Dona Nica levantou umas das sobrelhas e, como quem descobre um segredo importante, levou uma das mãos no canto da boca e sussurrou:

- Então o que você vende está nesse bernalzinho velho e rasgadinho? Você pode deixar eu ver o que é?

O menino então retirou o seu bernal do ombro, afofou a terra do canto da rua, puxou um lenço branco, e, sobre ele, expôs suas riquezas. Dona Nica soltou uma gargalhada:

- Então é isso que você vende? TRECOS?

O menino sorriu também e respondeu:

- Não. Não vendo trecos, Velha Nica.

- Como não? O que é isso então?

- Eu vendo SAUDADES.

Dona Nica encarou o moleque e esperou que ele continuasse:

- Muitas de minhas saudades estão aqui, cada qual mais antiga que a outra, cada qual mais novinha que antes. Saudade grande, pequena, leve, pesada, colorida, desbotada e até saudade debochada! Vou lhe mostrar uma ou outra... Vamos ver...

O menino apanhou uma pequena conchinha, amarelada e corroída nas extremidades:

- Essa saudade é muito BONITA. A mais bonita que tenho. É a saudade do altar de meu avô Bantô. Era todo feito de conchas, iluminadas por umas velas coloridas, coloridas. De noite ele me contava, perto do altar, histórias de longe, do povo dele, que diz que ficava do outro lado do Oceano...

- Aqui, essa saudade! – E tirou do bernal um pregadorzinho de madeira – Ela é a mais DOLOROSA que tenho. É a saudade de Dona Bina, minha mãe. Foi-se embora num dia de chuva, quando eu ainda nem era moleque. Ficou esse pregador, de quando ela ia estender as roupas no varal, com muitos como este dependurado na barra da blusa...

Dona Nica fez um carinho pelo cocoroto do menino e apontou pra um esparadrapo sujo, meio embolado nas pontas.

- Ah, sim! (Disse o menino) Essa saudade é a mais LEVADA! É a saudade do Campo do Chuta, que fica lá pelas bandas de lá da cidade. Foi quando eu mirei a bola, mas acertei o chão! Fez um baita ralado na pontinha do dedo!

O tempo ia passando e o menino mostrando seus exemplares de saudade. Tinha de tudo: papel de bala pra saudade GOSTOSA; bola de gude pra saudade de MENINO; tampinha de batom cor-de-rosa pra saudade de AMOR; saquinho de areia branca pra

saudade de VERÃO e até uma barata empalhada pra saudade de SUSTO (que ele levou quando a danada subiu no seu pescoço dia desses, enquanto dormia).

- Suas saudades são mesmo preciosas, menino. Não admira que ninguém as compre: saudades como estas não há dinheiro que possa pagar! Eu mesma adoraria ficar com todas elas, mas como todo e qualquer adulto, não vejo jeito!

O menino passou a mão pelo queixo, andou de um lado para o outro, parou em frente a Dona Nica, olhou para ela dos pés até a cabeça e disse:

- Ah, Dona Nica! A Senhora nem é tão adulta assim! Me traga aí um bocado de suas saudades que a gente troca e fica tudo certo!

E Dona Nica lhe trouxe uma folha de manga, que era de saudade de INFÂNCIA; um retrato pequenino, que era de saudade de PAIXÃO; uma dentadura velha, que era pra saudade de TORRESMO e um brinco de pérola que era de saudade de PRIMA.

O menino ficou ali ouvindo as saudades da Velha Nica, (se rindo de uma ou outra) um tempo muito maior do que costumava ficar quando mostrava suas saudades. Tão tarde que era o moleque precisava ir:

- Foi ótimo trocar esses “trechos” com a senhora, D. Nica! Agora preciso ir.

A velha Nica fez que sim com a cabeça, mas quando o menino já ia andando, ela disse:

- Menino! Saudade que é saudade, a gente não leva pra sempre, como toda preciosidade?

O menino olhou para trás e disse:

- Saudade que é saudade, a gente divide com os amigos, Velha Nica! E cada um leva um pouco da saudade do outro, para sempre...

Dona Nica achou certo e disse:

- Pois bem, menino. É justo. Mas agora não quero mais lhe chamar nem de menino, nem de moleque. Agora te chamo de Coité!

- Coité?!? – Espantou-se o menino.

- Sim! Coité! Porque dividiu comigo seus “trecos” e juntos bebemos nossas saudades...

O menino achou graça do nome, mas gostou. Acenou e foi descendo a ladeira, olhando para trás vez ou outra. Quando já ia pela metade, abaixou, apanhou alguma coisa no chão e pôs no bernal. Olhou pra Velha Nica e gritou:

- São duas saudades novinhas em pedra! Uma saudade de TERNURA, para a velha amiga que encontrei na ladeira e uma saudade ENGRAÇADA, do nome que a amiga me deu.

E foi embora levando consigo novos trecos no bernal e as mesmas saudades antigas nos ombros...